

**CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

Daiane Danielle Gass

***MATILDA: O MAGNÍFICO MUNDO DE QUEM LÊ***

Santa Cruz do Sul

2017

**Daiane Danielle Gass**

***MATILDA: O MAGNÍFICO MUNDO DE QUEM LÊ***

**Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Universidade de Santa Cruz do Sul como tarefa  
integrante da disciplina de  
Monografia II.**

**Orientadores: Prof. M.e Elenor José Schneider  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Cogo Fronckowiak**

**Santa Cruz do Sul**

**2017**

## AGRADECIMENTOS

Nunca falaram que seria fácil, e de fato não foi, mas nada disso seria possível sem as seguintes pessoas maravilhosas ao meu lado:

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. *Daniel e Janete* que, mesmo sem terem condições, sempre prezaram por minha educação e todas as vezes que eu pedi para me comprarem um livro, nunca me negaram. Assim como quando eu escolhi pela licenciatura fizeram tudo que lhes era cabível para que eu pudesse ter o meu tempo para me dedicar. No processo de escrita deste trabalho, foram compreensíveis com o tempo em que eu passei grudada nos livros e no notebook escrevendo. Gratidão!

Não poderia deixar de agradecer por quatro seres maravilhosos que o curso de Letras – UNISC me apresentou: *Jefferson, Kadine, Mariane e Nicole*. Vocês são incríveis! Obrigada por sempre serem tão presentes e pelas lágrimas que compartilhamos. Gratidão!

Agradeço, de forma especial, àquela que se manteve do meu lado nos meus altos e baixos. *Marília*, obrigada por aturar a montanha russa que foi o meu humor e convivência comigo, por todas as dicas e por todas as vezes que tu me lembrou que eu sou capaz. Você foi indescritível e imprescindível. Gratidão!

Por último, mas não menos especial, agradeço a minha orientadora (de vida)! *Ângela*, você sempre foi uma inspiração e fazer este trabalho juntamente contigo é um enorme prazer! Obrigada por me mostrar o mundo encantador da literatura infantojuvenil, por sempre sorrir com os olhos, por cada elogio e conselho. Gratidão!

Tantas vezes me faltaram palavras, sobrou sono e me senti perdida, mas nunca me abandonaram. Metade deste trabalho é meu, a outra metade é de vocês. Amo cada um por sua importância em minha jornada. Nada do que foi vivido no processo de escrita será esquecido, pois eu tenho as melhores pessoas deste universo do meu lado! Metade do meu coração é este trabalho, ao qual eu tanto me dediquei e amo de paixão, a outra metade é de vocês. Novamente, gratidão!

*“Poucos objetos despertam, como o livro, o sentimento da absoluta propriedade.”*

*(Daniel Pennac)*

## **RESUMO**

No presente trabalho, nos propomos a investigar e compreender como um jovem aprende a gostar de ler, apresentando um estudo sobre a personagem, visto que essa impacta fortemente em nossos hábitos de leitura, de forma que nos propicia construir uma aproximação com os livros. A personagem estudada é Matilda, a figura principal da obra homônima, de Roald Dahl. Questionando as possíveis características que facilitam o reconhecimento positivo para o ato de ler, focamos na constituição discursiva da personagem, que abrange a desenvoltura psicológica com que se envolve no enredo. Concluimos, afirmando a importância da criação narrativa de Matilda, na medida em que sua personalidade leitora acaba funcionando como mediadora de leitura contribuindo para o fortalecimento da identificação com os livros tanto para crianças, quanto para jovens e adultos.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Matilda. Personagem. Identidade leitora.

## **ABSTRACT**

In this present work, we propose to investigate and understand how a young learns to enjoy reading, presenting a study about the character, since it impacts strongly on our reading habits, in a way that allows us to build a rapprochement with the books. The character studied is Matilda, the main figure of the homonymous work of Roald Dahl. Questioning the possible characteristics that facilitate the positive recognition for the act of reading, we focus on the discursive constitution of the character, which involves the psychological resourcefulness with which it is involved in the plot. We conclude affirming the importance of Matilda's narrative creation, insofar as her reading personality ends up functioning as a reading mediator, contributing to the strengthening of identification with books for children, youngsters and adults.

Keywords: Children's literature. Matilda. Character. Identity reader.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1 A LEITORA DE LIVROS.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 O autor .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2 A personagem como percepção da infância.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 A literatura e a cultura como mediadores.....</b>	<b>17</b>
<b>2 ADULTOS E CRIANÇAS: A CONQUISTA DE IGUALDADE.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Criando leitores .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 Exemplo e dedicação: a interação com a literatura através dos mediadores.....</b>	<b>31</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Todos nós já fomos crianças, já nos sentimos despreparados, inseguros, subestimados e todos os outros sentimentos que somente os pequenos são capazes de entender. Provavelmente, por já termos sentido tais emoções, acreditamos que podemos ditar como se sucedem as relações na infância, quando na verdade apenas especulamos sobre uma vivência completamente singular.

Sabemos que cada ser humano é diferente, pensa e sente coisas distintas, e todas essas singularidades são criadas desde muito cedo em nossa personalidade. Ao longo de nossa formação, quando aprendemos a ler, encontramos mais um meio de nos transformar – a literatura. A partir desse ponto de encontro entre o íntimo e o mundo literário, acontecem infinitas possibilidades de resultados.

A literatura infantojuvenil proporciona experiências aos pequenos que estes talvez nunca tenham imaginado. E é essa conexão que iremos discutir ao longo do presente trabalho, através de um estudo da composição da personagem leitora *Matilda*, do romance homônimo de Roald Dahl, e a identificação com o público leitor infantojuvenil que a obra possibilita.

De acordo com Khéde (1986, p. 9), a “personagem, como é o elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e acontecimentos da sequência narrativa, movimentando-se num tempo e num espaço específicos, é fundamental para qualquer estudo ficcional”. Dessa forma, percebemos que a partir de uma identificação com as características dominantes das personagens, essas acabam sendo fundamentais para a criação do gosto pessoal pela leitura.

Conforme Machado (2011, p. 35), na educação, “um dos meios mais poderosos de que a humanidade dispõe é o exemplo, sobretudo quando o modelo apresentado é alguém que a criança ou jovem ama ou admira”. Assim como na educação em geral, para se construir o gosto pela leitura, o jovem precisa de exemplos, pessoas que apresentem à criança algo novo. A personagem que dá nome à obra literária analisada aparece como uma criança leitora, que desde muito cedo teve uma sede incontrolável de ler. Existem, na obra analisada, então, dois tipos de mediadores: um, adulto, na figura daquela pessoa que lhe indicou as leituras e outro na personalidade da própria personagem.

Acreditando que a literatura tem um papel importante na formação humana e que é possível ser criada uma identidade de leitor, fazemos uso da personagem ícone da obra para expor o que é gerado no jovem ao se ver frente ao livro.

Embora sejamos complexos – cheios de conflitos, ambivalências e contradições –, a personalidade humana é indivisível. [...] E a personalidade total, de forma a poder lidar com as tarefas da vida, necessita fundamentar-se numa fantasia rica combinada a uma consciência firme e uma apreensão clara da realidade. (BETTELHEIM, 1980, p. 149).

Dessa forma, percebemos como é importante, para a criação da personalidade da criança, que ela tenha contato com o mundo imaginário da literatura. A aquisição da capacidade de desenvolver fantasias possibilita outras conquistas. Podemos pensar também que essa ficção torna suportáveis as frustrações e incompreensões experimentadas diariamente na realidade. “Embora a fantasia seja *irreal*, os bons sentimentos que ela nos dá sobre nós mesmos e nosso futuro *são reais*, e estes bons sentimentos reais são o de que necessitamos para sustentar-nos.” (BETTELHEIM, 1980, p. 157 – grifos do autor).

Com o intuito de perceber a criação ficcional de *Matilda* como uma possível abertura para a identificação com o leitor, ao longo do primeiro capítulo do presente trabalho, apresentamos uma breve síntese sobre Roald Dahl – autor de *Matilda* e de diversas outras obras encantadoras – e, em seguida, trazemos definições de personagem e literatura que são exemplificadas através de um resumo da apresentação da personagem e a sua constituição. Assim como comentamos sobre as influências que essa leitura proporciona aos seus leitores perante suas vidas sociais, levando em consideração a literatura como um meio formador de personalidade. O título da primeira metade deste trabalho leva o mesmo nome do capítulo que inicia a obra *Matilda*, fazendo uma dedicatória para a nossa leitora inspiradora, razão deste estudo.

No segundo capítulo, analisamos as características de *Matilda* que encantaram e são capazes de gerar identificação em seus leitores, com discussões sobre sua influência e pensando na recepção que acontece no ato da leitura. Acreditando que a personagem *Matilda* engaja o leitor infantojuvenil pelo seu protagonismo, essencialmente por sua caracterização como leitora, é possível observar que o autor convoca o leitor infantojuvenil para participar da história narrada. Ainda, identificamos as obras lidas pela personagem, estudando sua influência positiva para os leitores.

Desejamos que a leitura desta pesquisa proporcione a mesma alegria que tivemos em realizá-la. E, ainda, queremos que *Matilda*, a menina, continue seu percurso de encantar futuros leitores, nos auxiliando a defender a ideia de que um adulto leitor que reconhece o protagonismo das crianças, como o foi o escritor Roald Dahl, pode transformar a vida de crianças, jovens e adultos, mediando seus caminhos com empatia e responsabilidade, tanto na vida vivida, quanto na sonhada e fixada nas páginas de obras literárias.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica para o estudo de uma narrativa, este projeto se insere na linha de pesquisa “Processos narrativos, comunicacionais e poéticos”, do



Departamento de Letras da UNISC, cujo objetivo é construir sentido através da interpretação textual, buscando conhecer os elementos e processos da narrativa e suas respectivas funções.

# 1 A LEITORA DE LIVROS

## 1.1 O autor

Apesar de Roald Dahl ser premiadíssimo, no Brasil ele é pouco conhecido. Muitos até já assistiram aos filmes baseados em suas obras, sem nem saber a origem dessas histórias – já foram adaptados para as telas: *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, de 1971; *Danny, O Herói de seu Pai* e *O BGA*, ambos de 1989; *Convenção das Bruxas*, de 1990; *James e o Pêssego Gigante*, e *Matilda*, ambos de 1996; *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, relançado em 2005; *O Fantástico Sr. Raposo*, de 2009 e *O BGA*, relançado em 2016. Esses filmes já inspiraram muitas pessoas em suas infâncias, permanecendo nas memórias de seus telespectadores.

Dahl escreveu, além dos exemplares adaptados, outros direcionados ao público infantojuvenil. E em todos eles criou mundos maravilhosos, cheios de vida, com personagens que se destacam e permanecem na mente de seus leitores. Sempre com a criação de crianças protagonistas, sejam por suas personalidades, atitudes ou inteligências.

No presente trabalho, iremos analisar apenas uma dessas suas criações. *Matilda* é a personagem principal da obra homônima que conta a história de uma menina órfã, que cresceu em um ambiente onde não tinha atenção e carinho, e que acabou encontrando conforto nos livros.

Segundo Veras e Cohen (2011), é possível observar que Dahl, em diversos de seus textos escritos, apresenta crianças que ou são vítimas “de outra mais velha, em posição de autoridade, ou da intolerância e inflexibilidade de adultos” (p. 63) que abusam de sua superioridade. No caso de *Matilda*, a menina sofre com a ignorância de seus pais e a raiva da diretora de sua escola. Superioridade essa que é afrontada diariamente por ela de forma inteligente, suave e cômica. Dahl faz com que, em “seus livros, geralmente os adultos que maltratam crianças ou animais recebam as punições mais bizarras. Tais punições são, na maioria das vezes, engendradas pelas próprias vítimas, graças a sua bravura, criatividade e esperteza” (p. 64). É através dos livros que lê que *Matilda* é capaz de lutar à sua maneira contra as opressões, elaborando planos de resistência.

Veras e Cohen (2011) nos lembram de que tais características em suas obras podem até serem vistas como ofensivas por adultos, mas o jovem leitor, ao ver que alguém acabou de se dar mal pela genialidade de uma criança atingida, vê ali um exemplo de herói, de forma hilária. O autor de literatura infantojuvenil, ao ver a criança de modo emancipatório, dá um destaque à

protagonista de sua própria história, não se escondendo nas sombras dos adultos ao seu redor. Pensando na concepção da palavra “protagonista” como aquele que é o figurante principal de uma apresentação, imaginamos o quanto a criança se sente capaz de realizar qualquer tipo de coisa, como aquela personagem que ela lê. “O âmago das histórias de Dahl são sua disposição a permitir crianças a triunfarem sobre os adultos.” (p. 71). Matilda é uma menina que sofre constantemente nas mãos dos pais e da diretora da escola que frequenta, mas que foi capaz de conquistar a sua independência e emancipação perante eles ao longo da história.

Inspirado em seus filhos, Dahl “sempre manteve um tom informal e de conversação” (VERAS; COHEN, 2011, p. 66) em seus textos. Em seu contato familiar, o autor aprendeu e passou para as folhas a arte de entreter uma criança de forma lúdica e divertida. E são assim os seus livros, ricos em ensinamentos e trocas constantes com os seus leitores, escritos com a leveza de uma conversa entre amigos, que demonstram o seu dom de transformar tudo em mágica.

Seu tom é como se estivesse confiando às crianças um segredo do qual somente eles compartilham. Além disso, seu texto é engraçado, cômico, repleto de pontos de exclamação e muitas frases escritas totalmente em letras maiúsculas, como se estivesse gritando e expondo os segredos podres que seus personagens tentam esconder! (VERAS; COHEN, 2011, p. 67).

Dahl era um adulto que simpatizava com crianças e, por isso, estabelecia elos com elas, através de suas obras, se conectando com o interior de cada um de seus leitores. Seus temas, enredos, linguagens e as personagens são delicadamente escolhidas para o deleite daqueles jovens que dedicam um pouco de seu tempo para a leitura de suas obras, exclusivas em termos da posição de destaque que o autor dá à infância. Para as crianças, esse é um mundo de possibilidades, em que todas as realidades são bem aceitas, e cada uma delas se dará bem.

A maioria dos leitores jovens de Dahl nunca foi maltratada, mas ainda assim eles entendem que as surras e humilhações que seus personagens sofrem são metáforas para a falta de poder que há em ser uma criança. Qualquer criança apreciaria que Dahl, sendo um adulto, descaradamente toma seu partido. Ele dá voz e vitória aos injustiçados, às crianças sem poder. (VERAS; COHEN, 2011, p. 72).

Essa conexão aberta pelo autor seduz os leitores, os aprisiona em seu enredo, uma prisão da qual eles não querem sair, porque ali eles têm a certeza de que tudo é possível. Matilda é uma menina que, após ser julgada por um adulto que se dizia superior, foi capaz de reunir forças e usar a sua inteligência para provar ser capaz de fazer justiça. E qual é a criança que não sonha em fazer o mesmo? Os leitores são inspirados através desse patrimônio deixado por Dahl. Segundo Forster (1969), a personalidade do autor “é transmitida através de instrumentos mais nobres, tais como as personagens ou enredo, ou seus comentários sobre a vida.” (p. 30). E o

escritor de *Matilda* deixa gravada em cada um de seus leitores a sua confiança em relação a eles mesmos.

Evidentemente, como todos os textos literários, a literatura infantojuvenil também é construída baseada em elementos estruturais, e entre eles está a personagem. Na busca da compreensão de como ela se destaca dentro de uma obra, observamos que essa figura pode contribuir para a formação de leitores, pois a ligação feita entre eles e o livro passam por ela, de forma que, ao ler, seja criada uma identificação. Uma vez criado um elo com uma obra, se torna mais fácil que o leitor se dedique a ler mais exemplares.

## **1.2 A personagem como percepção da infância**

Muitas vezes, sobrecarregados por nosso meio, achamos nos livros, e em suas histórias, algo que nos leva para longe de nossos problemas, servindo como um ponto de escape. Encontramos um sentido para a nossa existência nas diversas obras literárias. Por elas aguentamos dias horríveis, só para podermos chegar em casa e nos aconchegarmos em nossos exemplares preferidos, onde tudo é permitido, onde sonhar é possível e milagres acontecem. E, ao adentrarmos nos mundos que encontramos nos livros, acabamos por descobrir nossos próprios universos.

Um dos motivos pelos quais acabamos nos encantando pela leitura, transformando-nos em leitores, é a aproximação que acontece entre nós e a figura principal do livro que lemos. Na discussão de o que é a personagem e de como ela é construída, Brait (2002) traz questões que são pertinentes a esse questionamento e nos faz pensar nas características que fazem com que nos maravilhemos por ela. Por mais que um livro seja um amontoado de folhas, com um montante de tinta, quando se trata de história, não há quem não simpatize com alguma de suas características, pois não “há distanciamento leitor – texto que possa refrear a emoção sentida” (p. 9).

É precisamente essa conexão profunda que nos envolve no enredo de uma obra. Chega a ser inevitável nos identificarmos com alguma das “pessoas-figuras” presentes em um livro. E não é de qualquer sensação superficial que falamos, pois quando discutimos a personagem, acabamos envolvendo nossos próprios sentimentos. Acontecimentos como a morte de nossas heroínas e heróis favoritos ou quando eles são injustiçados e até mesmo quando eles chegam ao final de suas aventuras, são ocorrências em que se torna impossível não nos sensibilizarmos.

No momento em que já estamos ao lado da figura central da obra, sentindo o que ela sente, como se vivêssemos a sua vida, independentemente da linguagem que o autor utilizar, iremos prestar atenção, entender e nos reconhecer com a história. Obviamente, essa conexão pode ocorrer com diversas obras, mas cada uma delas será única, vivida de forma intensa na hora da leitura e proporcionará consequências particulares em cada um.

Para a criança que lê os livros de Roald Dahl, é impossível criar um distanciamento com o texto, pois este lhe traz emoções e exemplos quase que tocáveis, de tanto que afetam o nosso interior. Retratando as histórias, o escritor faz com que haja uma inevitável aproximação com a personagem principal. Nós, os leitores, vivemos em busca de encontrar personagens que nos interessam, que são cabíveis dentro de nossa realidade e com as quais podemos evoluir, deixando com que sua ação seja transformadora. E é através dessas personagens que o autor levanta discussões de temas que são pertinentes a cada grupo de leitores. Dessa forma, o escritor produz o nosso imaginário, nos instiga a pensar e nos ajuda a produzir nossas personalidades e gostos.

O escritor apresenta, através desse ícone, experiências que poderiam acontecer com qualquer um, até mesmo conosco, que lemos a sua narrativa. Dessa forma, acabamos nos colocando no lugar daquele ícone. O escritor nos aproxima de sua obra, usando princípios com os quais nos sentimos confortáveis e, quem sabe, até confiemos nossas particularidades a ele, permitindo que nos descubra, nos vire do avesso e nos deixe sedentos por mais. Talvez, por isso, Forster (1969) defina a história de um livro como “uma narrativa de acontecimentos dispostos em sua sequência no tempo” (p. 21), que narram a trajetória de uma vida.

Elementos como a forma da escrita, a apresentação da personagem e suas histórias, trazem uma sensação gostosa para a leitura desde as nossas primeiras experiências. Assim, o uso da linguagem é um desses aspectos, pois é através dela que tudo acontece na narrativa. Há livros que nos fazem sentir tão em casa que parece que estamos lendo alguma confissão ou novidade de um amigo íntimo, mesmo que seja a primeira vez que lemos a obra de determinado autor. Por diversas vezes, Dahl nos coloca sentados ao seu lado, atentos, curiosos para saber o que ele quer nos contar e, uma vez nessa posição, fica difícil largar de mão sua história.

Ainda, introduzindo a história que virá, em *Matilda*, Dahl (2010) coloca os seus leitores nessa posição de rendição ao, num tom de conversa, comentar sobre “quando os pais começam a nos contar o quanto seus rebentos detestáveis são brilhantes, então começamos a gritar” (p. 1 – grifo do autor). O autor fala sobre si próprio, em conjunto com os pequenos leitores. Inclusive faz uso do grifo para deixar bem claro, para qualquer um que lê a sua obra, que ele está falando sobre todos que estão lendo, chamando a atenção de cada um para aquilo que ele quer contar.

A partir desse momento, o escritor, fazendo uso desse narrador, nos cativa pelo envolvimento que ele cria entre ele e os pequenos.

Para além da linguagem e através dela, o elemento que se apresenta mais atuante em uma obra literária é a personagem, pois ela “vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (CANDIDO, 2002, p. 54). Os escritores são capazes de fazer com que os seus leitores criem, logo na primeira imagem apresentada, o interesse por aquela que guiará a narrativa, se estabelecendo e conectando a outros elementos como o cenário, dentro do tempo e lugar. O criador da personagem usa de métodos únicos para apresentar a guia da história, sempre com a intenção de provocar algo em seus leitores. Seduzidos pelo narrador, estes desejam saber o que acontece depois, provavelmente porque é fácil se deixar levar por uma história que tem tudo para mudar as suas vidas.

Além de querer saber o que acontece em seguida, outra pergunta que se faz é a quem. E, nesse ponto, o autor já estará recorrendo à nossa inteligência e imaginação, não simplesmente à nossa curiosidade. Sobre isso, Brait (2002) diz que a “personagem [...] é posta em cena por [...] suas aventuras, pelo relato de suas ações” (p. 55). Os atos, gestos e falas da personagem a caracterizam, e cada um de seus leitores a verá de forma singular frente a essas particularidades.

Em *Matilda*, o narrador começa com uma apresentação de diferentes tipos de relações familiares, o que funciona como uma introdução ao tema que será abordado na obra e acaba por fazer uma conexão com a personagem central do livro. O narrador desde o início se coloca como observador e constrói a heroína nos apresentando aos seus pais, usando-os como exemplos daqueles que “não demonstram nenhum interesse pelos filhos” (DAHL, 2010, p. 4), inserindo os leitores no mundo em que a menina foi criada. O escritor está articulando sobre um assunto universal, os pais, e quando menos se espera, o leitor está nas mãos de Matilda, graças às atribuições dadas a ela. Roald estabelece um vínculo com os seu leitores por relatar sobre pais e mães, aqueles que todos têm, que nenhum entende e a quem todos devem obedecer. Dessa forma, o narrador assume o papel de um amigo dando conselhos, comentando sobre esses seres superiores.

Rosenfeld (2002), ao discutir a figuração das personagens, esclarece que, logo após apresentá-las, os autores, “embora estejam pouco a pouco constituindo e produzindo [...], parecem ao contrário apenas *revelar* pormenores de um ser autônomo” (p. 16-17 – grifo do autor), construindo a continuidade daquela que será a guia da história. Como um dos recursos usados nessa troca com o leitor, ao escritor cabe a tarefa de moldar a personagem dentro de sua obra. Fazendo uma comparação do escritor com um bruxo, Brait (2002, p. 52) afirma:

Se o texto é o produto final dessa espécie de bruxaria, ele é o único dado concreto capaz de fornecer os elementos utilizados pelo escritor para dar consistência à sua criação e estimular as reações do leitor. Nesse sentido, é possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas como pura construção linguístico-literária ou espelho do ser humano.

“O objeto da caracterização é focalizado [...] por meio de uma síntese dos aspectos que o narrador considera importantes” (BRAIT, 2002, p. 20), portanto cabe ao escritor escolher qual será a constituição de cada uma de suas personagens em uma obra. E em *Matilda*, Dahl (2010) nos mostra essa criança que é considerada uma casca de ferida pelos pais, o que é um aspecto importante na formação da sua personalidade, colocando o leitor no ângulo que deseja para a sua leitura. Dando continuidade à caracterização, através de um jogo entre os adjetivos “comum” e “incomum” e elementos sociais, a garota é associada às crianças incomuns. Já deslocando a narração para a vida da personagem, o escritor usa os adjetivos “sensível” e “inteligente” e, antes de terminarmos de ler o primeiro capítulo da obra analisada, já temos uma bela imagem da menina. O escritor faz uso de diversos elementos linguísticos e narrativos para apresentar brevemente uma menina muito complexa, fazendo com que os seus leitores queiram conhecê-la melhor, partindo

da premissa de que a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e do espaço dos seres humanos, mas reconhecendo também que essas duas realidades mantêm um íntimo relacionamento. (BRAIT, 2002, p. 11-12).

Ou seja, a personagem Matilda, assim como todas as outras, não é uma pessoa real, pois habita um mundo ficcional, mas representa um grande grupo de pessoas, mantendo um íntimo relacionamento com a verdade dos seres humanos, e conosco, que a lemos, representando uma realidade exterior ao texto. O autor monta um registro do real a partir de determinadas características.

Assim, Dahl não apenas registra, mas cria uma personagem. Brait (2002) apresenta um trecho do *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, onde lemos que “a personagem é ‘um ser de papel’. Entretanto, recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens *representam* pessoas” (p. 10-11 – grifos do autor). Os leitores provavelmente já estarão com uma preconceção do que aguardar, mas ela não seria bem aceita se fosse algo que fugisse totalmente do real.

Sobre o mesmo tema, Candido (2002) mostra que a personagem deve lembrar um ser vivo, mantendo relações com a realidade do nosso mundo, fazendo com que seja possível para os leitores criar uma comparação entre aquela que está lendo e as pessoas ao seu redor. Indo mais além, Rosenfeld (2002) lembra que é “a personagem que com mais nitidez torna patente

a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza” (p. 21). Dessa forma, percebemos que a história necessita de uma personagem para se classificar como tal e para se desenvolver de forma mais concreta. “Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente ‘constitui’ a ficção” (ROSENFELD, 2002, p. 31), provavelmente porque, assim como tudo na vida, para algo acontecer, tem que acontecer a alguém.

É precisamente o modo pelo qual o autor dirige o nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento – sintomáticos de certos estados ou processos psíquicos – ou diretamente através de aspectos da intimidade das personagens – tudo isso de tal modo que também as zonas indeterminadas começam a “funcionar” – é precisamente através de todos esses e outros recursos que o autor torna a personagem até certo ponto de novo inesgotável e insondável. (ROSENFELD, 2002, p. 35 – 36).

A menina Matilda é uma personagem literária, portanto não foi escrita baseada em uma criança determinada, real. Ela aparece com características diversas, que poderiam pertencer a inúmeras crianças, o que acaba construindo a imagem de ser real. O seu escritor não a inventou do nada, mas usou de todos os seus conhecimentos sobre crianças e o mundo destas para criar sua história, que parece tão verossímil aos seus leitores. Ela brinca como qualquer criança, precisa ir à escola, tem amigos, pais e professora, tem problemas, se mete em confusões e observa tudo ao seu redor. Os seus atributos demonstram essa possibilidade de realidade.

Forster (1969) diz que as personagens podem ser divididas entre “planas” e “redondas”. A obra de Roald Dahl apresenta uma personagem redonda, por sua capacidade de “surpreender de modo convincente” (p. 61). Dessa forma, o leitor vai conhecendo suas múltiplas facetas ao longo da narrativa. Matilda, diversas vezes, nos mostra sua personalidade dócil, ao ser sempre educada com a professora, uma espécie de mãe para a menina; assim como é capaz de fazer certas maldades, como as coisas que apronta para o pai que só a subestima, por exemplo, quando passou supercola na parte interior da borda do chapéu dele. Matilda, como uma criança real, nunca se limita a uma só qualidade.

Durante a leitura das aventuras dessa personagem, os pequenos vão percebendo características que a compõem, que estão presentes em pessoas ao seu redor e neles próprios, criando, assim, laços com ela. O escritor prende-os em suas garras ao apresentar uma menina que remete à subjetividade de cada um, ao conhecido e ao desconhecido. Os leitores se apaixonam de forma sem igual, visto que todos estão à procura de sua personagem favorita, para poder se inspirar nela. Dessa forma, são visíveis os elementos de que o autor faz uso para construir aquela que irá ser o elo entre a história e o leitor.



Dahl (2010) logo nos entrega algumas particularidades essenciais sobre a nossa personagem, dizendo que com “*um ano e meio* ela falava com perfeição e conhecia tantas palavras como a maioria dos adultos” (p. 5 – grifos do autor), o que não era bem visto pelos seus pais. E continua:

Aos *três anos*, Matilda já tinha aprendido a ler, sozinha, observando os jornais e revistas que encontrava pela casa. Com *quatro anos* já conseguia ler rápida e corretamente e começou, naturalmente, a se interessar avidamente por livros. O único livro que havia em sua casa tão esclarecida era de sua mãe e se chamava *Cozinha sem mistérios*. Depois de ler o livro de ponta a ponta e decorar todas as receitas, Matilda quis alguma coisa mais interessante. (DAHL, 2010, p. 5 – grifos do autor).

A cada trecho lido da obra, percebemos a força da menina, e como a literatura é libertadora para ela. Foi nos livros que Matilda achou uma porta de escape para o mundo sem sentido em que vivia, com o qual não se identificava. Dessa forma, os livros dão uma oportunidade única para a personagem, o que era exatamente o que procurava.

Citando a leitura como um ato de criação permanente, Pennac (1995) nos lembra que, diferentemente da televisão, a leitura pratica o tempo todo com a nossa imaginação. Os mínimos detalhes da descrição, como a caracterização física, psíquica ou o tom de voz das personagens e até mesmo aquilo que não está escrito, é desenhado dentro de nossas cabeças ao lermos as descrições escritas. As palavras criam forma, provando-nos que um livro vai muito além de palavras, e que só a literatura é capaz de nos levar a lugares em que não estamos fisicamente.

Como tão poeticamente nos apresenta Pennac (1995), a “leitura não depende da organização do tempo social, ela é, como o amor, uma maneira de ser.” (p. 119). Comparando a leitura com o ato de amar, Pennac nos mostra que este tempo de leitura, como o amor, é uma particularidade, podendo até mesmo nos causar os mesmos efeitos de amar. Por mais difícil que possa ser dedicar algum tempo em nossa rotina para lermos, é necessário conciliarmos nossas vidas particulares e nossa identidade de leitores, de maneira a não deixarmos de ler, assim como não deixamos de amar.

Até mesmo as crianças, que estão no processo de aprenderem a gostar de ler, muitas vezes são cobradas e acabam por ter dificuldade em organizar o seu tempo de leitura. Teriam elas que subtrair o tempo de outras de suas atividades? Largariam mão de um tempo livre? Por mais difícil que possa parecer, quem realmente tem a vontade de dedicar-se à literatura, acaba por arranjar um tempo. Assim como não há quem deixe de amar.

*Matilda* nos mostra uma menina que, em suas tardes livres, aproveita o tempo livre, pois “se sentava para ler, frequentemente com uma caneca de chocolate a seu lado.” (DAHL, 2010, p. 14). A personagem passava essas tardes, em que seus pais imaginavam que ela ficava em

casa assistindo televisão, vidrada nas obras que retirava na biblioteca, deixando bem clara a sua preferência pela literatura. O período de tempo que podemos classificar como sagrado para Matilda, por estar sozinha, sem os pais e ninguém para atrapalhá-la, ela passava desfrutando da leitura. A menina por conta própria foi capaz de organizar o seu tempo de leitura diária.

E como não amar uma menina que, mesmo sem nenhum estímulo, aprendeu a ler sozinha e por conta própria, “depois que seu pai se recusou a lhe comprar um livro, [...] saiu sozinha e foi até a biblioteca pública da pequena cidade onde morava” (DAHL, 2010, p. 6)? A sua vontade de ler foi tão avassaladora que nada a impediu de persegui-la. Apesar de ter nascido sem ser desejada e ter sido criada sem nenhum incentivo, a garota se transformou em uma leitora, exemplo para aqueles que a leem. Enquanto a sua mãe passava as tardes no bingo, o pai no trabalho e o irmão mais velho na escola, Matilda preferiu largar as suas tardes solitárias para dividi-las com obras literárias “sentada em silêncio, sozinha, num canto tranquilo, devorando um livro atrás do outro.” (DAHL, 2010, p. 7).

### **1.3 A literatura e a cultura como mediadores**

Comentando sobre o conceito de infância em *A República*, de Platão, Kohan (2004, p. 53) argumenta que esta sempre foi apresentada no pensamento ocidental como “uma etapa da vida, a primeira, o começo, que adquire sentido em função de sua projeção no tempo: o ser humano está pensado como um ser em desenvolvimento, numa relação de continuidade entre o passado, o presente e o futuro”. O autor ainda afirma que a educação sempre é vista como uma etapa inicial da vida do ser que inicia seu processo de convívio em sociedade, pois ela “se torna desejável e necessária na medida em que as crianças não têm um ser definido: elas são, sobretudo, possibilidade, potencialidade: elas serão o que devem ser”. É desta forma que, desde sempre, a educação é percebida deixando seu legado na formação do ser humano, tornando-o participante da sociedade na busca “de um mundo mais belo, melhor”.

Contudo, Kohan (2004) chama a atenção para o fato de que conceito de devir-criança é muito mais abrangente do que pode parecer. Respeitando a vivência humana dos pequenos, entendemos ainda que, segundo essa concepção, sempre podemos vir a ser criança – mesmo já sendo adultos. Sempre é época de começar algo novo, experimentar, e se permitir sentir como é este começo, percebendo que se está realmente começando.

Os pais, a família e a escola de Matilda parecem não entender isso de fato. Talvez, a única “pessoa”, ou entidade que perceba os mecanismos dessa constante modulação seja o narrador, aquele que está ali tateando, sentindo e nos transmitindo aquilo pelo que a menina está passando nesse processo de vir a se tornar uma criança, bem debaixo de nossos olhos.

Por lidarem com questões humanas, as histórias da literatura infantojuvenil compartilham e divulgam ideias à mente consciente ou até mesmo à inconsciente. Podem, então, os jovens usarem dessa literatura para lidar de forma mais positiva com as possibilidades em suas vidas. As obras literárias permitem que a criança se encontre em seu ser psicológico e emocional, falando de seus problemas e propondo soluções para questões pessoais e subjetivas, “sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe.” (BETTELHEIM, 1980, p. 14). A mensagem transmitida através de suas histórias é que, ao longo da vida, será inevitável que as pessoas tenham dificuldades, motivos pelos quais lutar, mas que não devem se intimidar perante os obstáculos que aparecem, para que seja possível a vitória no fim do caminho.

Esse processo é muito mais autônomo do que poderia ser pensado, pois a criança consegue sentir qual livro “é verdadeiro para sua situação interna no momento (com a qual é incapaz de lidar por conta própria) e também sente onde a história lhe fornece uma forma de poder enfrentar um problema difícil.” (BETTELHEIM, 1980, p. 74). “A criança intuitivamente compreende que, embora estas histórias sejam *irreais*, não são *falsas*; que ao mesmo tempo que os fatos narrados não acontecem na vida real, podem ocorrer como uma experiência interna e de desenvolvimento pessoal.” (BETTELHEIM, 1980, p. 90 – grifo do autor). Dessa forma, a literatura ajuda as crianças a estabelecerem diferenças entre o que é realidade e o que é imaginário, demonstrando as potencialidades do viver.

Em suas histórias, a literatura infantojuvenil apresenta à criança o mundo real, mostrando que, mesmo com problemas, todos somos capazes de superar os obstáculos. A partir das histórias, a literatura liga os pensamentos abstratos, instigados por ela em seus leitores, ao mundo concreto. E, portanto, na sequência narrativa das histórias ficcionais, são usadas personagens de variadas personalidades, inseridas em culturas diferentes, com gostos e escolhas únicos. Khéde (1986) salienta que a personagem pode “apresentar ao leitor uma obra pluralista onde o confronto de visões do mundo ou de ideologias” (p. 14) seja transmitido por suas vozes. Sendo a literatura uma espécie de reflexo da humanidade, através dessa variedade de ícones, as crianças observam as diferenças no mundo e passam a respeitá-las. As personagens, segundo Khéde (1986), “delineadas pelos escritores, são interpretações dos perfis culturais de cada época e de cada povo” (p. 12).

Ao falar sobre cultura, Cohn (2005) a define “como aquilo que é transmitido entre as gerações e aprendido pelos membros da sociedade” (p. 11). Sendo assim, é possível observar que os livros podem ser um meio dessa transmissão hereditária, propagando valores de diversos tipos, já que “a experiência das crianças é cultural e só pode ser entendida em contexto” (p. 14). Por a personagem ser uma representação do real, ela apenas será formulada seguindo uma verdade para dar sentido a sua existência no livro e a do leitor na comunidade. Tomando a sociedade como um sistema simbólico, Cohn (2005) também nos lembra que a organização social está sempre em formação, podendo mudar quando a sua população mudar.

E é através dessa definição que observamos as consequências da leitura das personagens alocadas em uma cultura, pois os seus leitores vão mudando através da leitura e, dessa forma, fazem o ciclo girar, transformando o ambiente em que vivem, deixando que as personagens e suas histórias causem o impacto e gerem as transformações pelo que e para que elas foram criadas e publicadas. Cohn (2005) ainda reforça essa ideia ao dizer que “crianças existem em toda parte, e por isso podemos estudá-las comparando suas experiências e vivências; mas essas experiências e vivências são diferentes para cada lugar, e por isso temos que entendê-las em seu contexto sociocultural” (p. 26). Ou seja, é a cultura em que a criança leitora está inserida que vai fazer com que ela tenha a sua interpretação pessoal de uma história.

Neste sentido, podemos afirmar que Dahl (2010) constrói, em sua obra, uma personagem criança que vai se formando, enquanto acompanha e segue seu (dela) devir-criança. Ao mesmo tempo, ele, o autor, ousa olhar para a infância como algo que sempre está em processo, que não tem fim, pois, ao se colocar como cúmplice de Matilda, atesta que as mudanças nem nele findaram ainda, aceitando que até mesmo os adultos estão sempre em processo de autoconhecimento.

*Matilda* apresenta características verdadeiras em termos de realidade de vida, utilizando, como ponto de partida, elementos como a família, a escola e o trabalho, fazendo alusões às relações intrínsecas da existência real de seus leitores. E, através desses fundamentos, é permitido à criança encarar processos internos de sua vida e resolver problemas pertinentes ao seu crescimento.

Bettelheim (1980) aponta que a literatura serve como uma base para a criança compreender que existem diferenças entre as pessoas e que cada uma faz suas escolhas, contrapondo-se à ideia de superproteção do jovem por alguns adultos. A literatura nos apresenta fatos que podem, e muitas vezes são verídicos, propondo a experiência, para as crianças, de um mundo muito maior do que aquele que os seus preocupados pais tentam evitar.

Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser apresentadas à criança – que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas. Mas esta visão unilateral nutre a mente apenas de modo unilateral, e a vida real não é só agradável. (BETTELHEIM, 1980, p. 17)

Ao contrário do que muitos desses adultos pensam, a literatura é tão amada pelas crianças justamente por mostrar-lhes histórias diversas, com soluções, encontros e diálogos com o interior de cada uma, no aprofundamento do exercício de sua imaginação.

De forma maestral, nossos escritores focam em assuntos delicados e desenvolvem a temática de forma suave, mostrando que não são somente os adultos que têm problemas e que até mesmo as crianças podem entender de forma madura questões sérias. São esses fatores que fazem as crianças criarem as suas preferências de leitura, pois elas, críticas de seu próprio aprendizado, procuram aquelas que mais lhes agradam. Isso tudo porque, normalmente, as crianças não gostam de ser tratadas como ingênuas ou ignorantes, ou que seus tutores não notem que elas também têm sentimentos. É importante que as crianças percebam que sua idade não determina o assunto da conversa, ou do tópico do livro. Podemos conversar com elas e instigá-las a crescer dessa forma, acreditando que serão capazes de lidar com questões como a morte ou a existência humana. Não esquecendo que, por estarem desde cedo cercadas por esse tipo de questões, ao chegarem à fase adulta, esses leitores terão mais facilidade para fazer escolhas e lidar com elas.

Dahl (2010) apresenta, em *Matilda*, diversos temas, retratados das mais variadas formas, sempre entregando-os para os seus leitores sem medo de suas reações. Um dos temas discutidos é o sistema patriarcal, onde a mulher escolhe se dedicar a arranjar um casamento ou ao mundo dos estudos, que é inserido através de uma conversa entre a mãe de Matilda e a sua professora. Ao visitar a casa dos pais de sua aluna, Srta. Mel questiona-os se eles não ficam entusiasmados com a filha leitora, ao que a Sra. Losna responde não se impressionar pela filha, por não ser “a favor de meninas metidas a intelectuais.” (p. 99). A mãe ainda diz que, para ela, uma “menina deve pensar em se embelezar para mais tarde arrumar um bom marido [...] [pois] sedução é mais importante do que a instrução.” (p. 99). Muitos escritores poderiam ter medo de mostrar para os pequenos um discurso desses, mas Roald incentiva-os a pensarem sobre esse tema tão polêmico, provavelmente por acreditar que eles têm capacidade para isso.

Bettelheim (1980) também nos faz refletir sobre a dicotomia bem/mal exemplificada na obra em questão, ao falar que em praticamente todas as obras voltadas para o público infantojuvenil “o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem” (p. 15). Ou seja, essas histórias apresentam à criança o mundo como ele é, com os dois

lados de questões que são relevantes para a existência humana, através das vozes das personagens.

Os jovens têm a necessidade de uma literatura que os torne indivíduos com desejos e pensamentos próprios, como agentes de seu próprio aprendizado e de livros que os ajudem a ser mais livres e independentes. Candido (2002) nos lembra ainda que uma das funções capitais da ficção é a de nos dar um conhecimento mais completo do que aquele fragmentado que se compreende na vivência entre os seres humanos.

A literatura nos torna “mais humanos e mais irmãos” (MACHADO, 2011, p. 27), e é exatamente esse o papel dela. O que se torna ainda mais importante quando se trata de obras escritas para quem está recém descobrindo o mundo. Com o tanto que ainda têm para compreender, os jovens leitores têm facilidade em encontrar ensinamentos em obras que também dão prazer. Contra a ideia de que é chato aprender, os livros podem ser uma forma leve de descobrir muita coisa. E os escritores sabem que, para os ávidos leitores, tudo é uma oportunidade de conhecimento.

O lado humano da literatura nos faz desenvolver a empatia, perceber a democracia e, assim, compreender que o mundo e as pessoas são diferentes. A leitura de obras literárias possibilita que o respeito ao próximo seja experimentado pelos leitores. Ela ajuda na construção do entendimento do humano na sociedade. Tudo isso porque o leitor ainda está criando a sua visão de mundo, conhecendo o que há fora de si através das experiências pelas quais passa, e a literatura tem um papel muito importante nessa construção, pois é nela que ele vai encontrar questões que não encontraria em outro lugar. O livro infantojuvenil tem o seu direcionamento para esse jovem aprendiz da vida, e usa de seus artifícios para abrir os horizontes de seu leitores. Cohn (2005) diz que as “concepções do que é ser criança, do desenvolvimento e da capacidade de aprender devem ser entendidas de maneira interligada” (p. 40), pois somente dessa forma que podemos “compreender o que significa aprender e a aprendizagem, e os processos pelos quais os realizam” (p. 40).

É através da aproximação gerada que a história narrada envolve, fazendo com que os seus leitores se coloquem nos lugares das personagens que movem a história. Assim como nos lembra Machado (2011), as personagens “desencadeiam e refletem mecanismos de identificação ou de projeção entre leitor e textos – por isso continuam vivendo dentro do leitor após o final da sessão de leitura” (p. 61-62).

Em uma de suas muitas aventuras, Matilda enfrenta o pai e a sua intolerância com a filha leitora. Num ataque de fúria, o Sr. Losna acaba por rasgar as páginas de um livro da biblioteca. A garota demonstra que traz consigo aprendizados deixados pelas personagens das obras por

ela já lidas, demonstrando que houve conexão entre ela e os livros. Esta é uma das ocasiões em que a menina comprova o aproveitamento pessoal da leitura:

A maioria das crianças, no lugar de Matilda, teria começado a chorar. Mas não foi isso que ela fez. Ficou sentada ali quieta, pálida, e pensativa. Sabia que chorar ou fazer cara feia não ia adiantar nada. A única coisa sensata a fazer quando alguém nos ataca é contra-atacar, como disse Napoleão. (DAHL, 2010, p. 37-38).

Dessa forma, as personagens funcionam como espelhos que refletem uma realidade que não necessariamente pertence ao leitor, mas, no momento da leitura, a narração faz tudo parecer real aos seus olhos e sentidos. A literatura tem o poder de permitir que estejamos em outros lugares, sejamos outras pessoas, pensemos diferente sem sair do lugar onde estamos. E essa experiência é essencial aos jovens, pois todas essas coisas novas servem como exemplos. Esse pensamento, mesmo subjetivo, fica tão claro para os pequenos leitores, que até mesmo Matilda, após ler *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, expressa o seu sentimento de estar experimentando na pele os sentimentos da obra, dizendo que: “O jeito que ele tem de contar as coisas me faz sentir como se eu estivesse ali, vendo tudo acontecer.” (DAHL, 2010, p. 13). E o narrador complementa:

Os livros a transportavam para mundos novos e a apresentavam a pessoas diferentes, que viviam vidas incríveis. Matilda navegou em veleiros antigos com Joseph Conrad. Foi para a África com Ernest Hemingway e para a Índia com Rudyard Kipling. Viajou pelo mundo todo, sentada em seu quartinho, numa cidadezinha inglesa. (DAHL, 2010, p. 16).

Da mesma forma, os leitores das aventuras da menina Matilda também se transportam para esses mundos junto com ela, eles sentem as mesmas coisas que ela, seja em sua vida como filha e aluna, seja em suas leituras. Sobre isso, Rosenfeld (2002) nos lembra que o mais importante não é apenas apreciar essas amplas vivências nos livros a distância. A personagem se torna concreta, e com a participação do emocional do leitor, ele “*contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar” (p. 46 – grifos do autor).

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (ROSENFELD, 2002, p. 48).

Provavelmente por já entender esse conceito de vivenciar as experiências transmitidas pela literatura, a Sra. Felps, bibliotecária e amiga de Matilda, fala para ela: “Um bom escritor sempre fará você sentir isso. [...] E não se preocupe com os trechos que você não entender. Recoste-se na cadeira e deixe as palavras fluírem em você, como música.” (DAHL, 2010, p.

14). Essa mensagem é dita para a menina pelo narrador, através da personagem, na esperança de que os leitores também entendam que esse é o objetivo da literatura, sentir através dos livros.



## 2 ADULTOS E CRIANÇAS: A CONQUISTA DE IGUALDADE

### 2.1 Criando leitores

Ao nos encontrarmos diante de um mundo cheio de imaginação nos livros, podemos nos apaixonar pela literatura. Somos pessoas livres, e, por isso mesmo, temos a capacidade de receber influências de diversos meios. A leitura, que é também uma experiência intensa, nos auxilia a selecionar atuações que podemos inserir em nossas vidas; cada um de nós tem em suas mãos a decisão final de nos dedicarmos a ser, ou não, leitores ávidos. “O verdadeiro prazer do romance está ligado à descoberta dessa intimidade paradoxal: o autor e eu” (PENNAC, 1995, p. 115). Dessa forma, o livro é apresentado por algum mediador, mas a leitura é individual e a sua representação é única.

Aquele que nos mostrou esse novo mundo sai nas pontas dos pés, nos deixando a sós com o autor, pois ele sabe que a “única forma de nos tornarmos nós mesmos é através de nossas próprias realizações.” (BETTELHEIM, 1980, p. 173). É possível observar, ainda, que a história lida “só alcança um sentido pleno para a criança quando é ela quem descobre, espontânea e intuitivamente, os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma.” (BETTELHEIM, 1980, p. 206). Assim como a obra que foi escrita especialmente para ela, esta experiência só será realmente válida se ela, por conta própria, for capaz de perceber as suas nuances.

Pennac (1995) nos traz um pensamento que é capaz de nos fazer sentir hipnotizados: “O verbo ler não suporta o imperativo.” (p. 13). Diferentemente de outros verbos que poderíamos usar para fazer uma ordem ou pedido, o desejo e o gosto de ler devem nascer dentro de cada um de nós. Poderíamos até passar anos influenciando uma criança a ler, mas nada garante que ela irá de fato ler, gostar de ler e ler por conta própria. Embora o incrível prazer da leitura seja considerado individual, para descobrirmos que adoramos passar horas folheando páginas de um livro, somos apresentados à leitura através de nossos pais, responsáveis e até mesmo da escola, que funcionam como mediadores desse nosso encontro com a literatura.

Por ser escrito e indicado por adultos, muitos dos livros infantojuvenis enfrentam a assimetria<sup>1</sup>, explicitada por Zilberman (1982). Deixando claro que todo texto é assimétrico, a

---

<sup>1</sup> A assimetria na literatura infantojuvenil ocorre quando o adulto faz uso da narrativa para “passar uma lição” ao jovem leitor, texto que contém uma “moral da história”, com um tom educativo e menos literário, criando uma grande distância entre o mundo da criança e do adulto.

autora nos mostra que o texto escrito com a intenção de ser simétrico<sup>2</sup> tenta minimizar a diferença entre os grandes e os pequenos, permitindo à criança ser protagonista do modo de ler e de seu aprendizado.

Aquela pessoa que indica determinado texto para uma criança, enfrenta a assimetria da obra, assim como o escritor, pois todos os textos lidos por crianças e jovens foram escritos por pessoas mais velhas e experientes. Será essa experiência que vai determinar o tipo de produção realizada ou escolhida para o público-alvo. Os pequenos leem porque alguém lhe indica o livro, e neste ponto um desequilíbrio pode ser gerado, o que muitas vezes nem é notado pelo responsável.

Às vezes, acontecem boas indicações, mas também é comum certo desconforto quando as obras não são adequadas, o que pode acabar criando um efeito prejudicial. Não podemos negar a importância do papel do escritor, pois ele, juntamente com o adulto responsável, pai ou professor, indica a leitura e colabora no trabalho coletivo de cativar as crianças. Por isso, é importante que explorem formatos, materiais e ofereçam gêneros textuais diferentes, sempre respeitando as vontades dos leitores.

Da mesma forma que Kohan (2004), mas analisando apenas o aspecto literário, Zilberman (1982) destaca a importância da percepção do escritor como um adulto que, ao indicar aquilo que realiza em sua obra, demonstra entender como as crianças são e o que elas podem gostar de ler, quesitos facilmente percebidos pelo leitor ao entrar em contato com o livro. O ideal é que o criador da obra literária se coloque no mesmo nível da criança, diminuindo a assimetria, transformando o seu texto no mais simétrico possível para o prazer e o desafio dos seus leitores. Nenhuma criança ou jovem deixa de notar o carinho que existe ao receber uma obra que foi escrita por um adulto com o qual se identifica:

No fundo, é a grande curtição de ler. A gente lê, se deixa levar, e aprecia. Lê o que quer, quando quer. Sem cobrança. Muito diferente do que se institucionalizou como sistema de leitura nas escolas, onde se lê apenas para responder a cobranças, para dar explicações, para fazer interpretações, para descobrir mensagens. Para fazer uma prova valendo nota. (MACHADO, 2011, p. 234).

Em suas obras, Dahl demonstra essa capacidade através da proposição da igualdade entre adultos e crianças como uma de suas características. Em *Matilda* fica claro que ele tem o cuidado para não fazer uso de uma fala superior na narrativa das suas histórias, bem como na constituição das personagens que aparecem ao longo da obra. Comentando sobre a autoridade dos pais perante a personagem central, Roald conversa com os seus leitores, envolvendo-os na

---

<sup>2</sup> O texto que tenta aproximar esses dois mundos, educando sem precisar ser pedagógico. Apesar de a história não ter uma moral, ela passa uma mensagem ao seu leitor.

trama da pequena: “Você deve lembrar que ela ainda não tinha cinco anos. Pois não é fácil para uma criança tão pequena enfrentar um adulto todo-poderoso” (DAHL, 2010, p. 25). Com essa frase, o autor demonstra compreender as dificuldades de ser criança e ainda nos faz pensar sobre as relações de poder entre os pequenos e os adultos.

Talvez seja possível interpretar que o autor de *Matilda* tenha concentrado as suas características pessoais na personagem Srta. Mel, fazendo-se passar pela professora de Matilda. Afinal, Srta. Mel demonstra toda a sensibilidade e compreensão de um adulto receptivo, fugindo do estereótipo da professora como única pessoa que sabe tudo e, impassível, está ali apenas para cumprir uma função e ensinar alguma coisa. Com isso, justamente tanto as personagens alunas dessa mulher, como os leitores da obra percebem que a igualdade é uma conquista e que é possível que adultos e crianças se deem bem:

Jennifer Mel era uma pessoa suave e tranquila, que nunca levantava a voz e raramente sorria, mas não havia dúvida de que tinha o dom de ser adorada por todas as crianças que ficavam sob seus cuidados. Parecia compreender o assombro e o medo que tantas vezes invadiam as crianças pequenas que, pela primeira vez na vida, viam-se reunidas numa sala de aula e obrigadas a receber ordens. (DAHL, 2010, p. 65-66).

Salientamos, inclusive, que, apesar de amável, em nenhum momento a professora perde sua seriedade profissional, o que proporcionaria algazarra e indisciplina por parte dos pequenos. Mas, na verdade, ela, com a sua maturidade e a prática do convívio com os seus alunos, é capaz de perceber as crianças como tais, respeitando os seus desejos e encorajando-os a evoluírem. Srta. Mel é o sonho de professora para qualquer aluno, e os leitores alunos encontram nessa obra mais uma personagem capaz de influenciar tanto Matilda, quanto cada um dos que a leem.

Khéde (1986), ao comentar essa diferenciação existente entre a fala infantil e a adulta nos livros lidos pelas crianças, tece que “a fim de que o texto para crianças e jovens alcance *status* literário, o papel da personagem é fundamental.” (p. 13 – grifo do autor). Dessa forma, para que a leitura de uma obra para essa classificação etária seja totalmente aproveitada pelo seu público, é necessário que haja a preocupação do autor com a identificação com as personagens. É desta maneira que os pequenos observarão a sua importância na obra, como público, como leitores e receberão de forma mais aceitável as histórias.

Dahl (2010), inclusive, abre uma brecha em seu texto, criticando como funcionam essas diferenças entre o mundo infantil e o adulto. Ele mostra que os adultos costumam se acreditar superiores, através de uma fala da mãe de Matilda: “Você aprenderá isso quando for um pouco mais velha, minha filha.” (p. 64). Por intermédio dessa posição, a criança do livro e a leitora interpretam que são muito novas para entender alguma coisa. Mas quem é que gosta de ser visto

dessa forma? A posição de Dahl demonstra que a literatura compreende o seu público e as necessidades infantis, servindo como uma proteção.

Matilda, como qualquer criança, é excluída por adultos do mundo maduro, com seus assuntos, atividades e problemas, o que acaba por restringir as suas opções. Mas ela encontra meios para fugir desse controle. Frisamos que ela mesma se socorre, diferentemente do esperado, que seria esperar pelo auxílio de um adulto. Bettelheim (1980) ainda nos permite refletir que pode ser benéfico para as crianças serem encorajadas nesses pensamentos de independência, pois, dessa forma, a obra sugere que elas se empenhem a desenvolver suas habilidades. As histórias escritas para crianças propõem “que não é tanto os fatos marcantes que contam, mas um desenvolvimento interno que deve ocorrer para que o herói conquiste uma verdadeira autonomia.” (BETTELHEIM, 1980, p. 175).

Além de criança, Matilda é uma mulher. E isso engrandece as proporções de toda a sua trajetória, quebrando todas as expectativas dos que esperam uma personagem mirim frágil e inocente. Toda a sua força de vontade em aprender pode ser uma demonstração de seu poder feminino, deixando de aceitar passivamente tudo de mal que acontecia em sua vida, se firmando como protagonista de sua própria história. “Devemos vencer os perigos, suportar as provações, e tomar decisões; mas a estória diz que se permanecemos fiéis a nós mesmos e a nossos valores, então, por mais que as coisas pareçam desesperadoras durante certo tempo, haverá um final feliz.” (BETTELHEIM, 1980, p. 173). E o final feliz da nossa heroína a apresenta lendo, estudando e sempre se impulsionando.

“Uma criancinha, por mais inteligente que seja, sente-se tola e inadequada quando é confrontada com a complexidade do mundo que a cerca. Todos parecem saber tão mais do que ela, e ser tão mais capazes.” (BETTELHEIM, 1980, p. 132). Esse é um fator essencial na obra de Roald Dahl (2010) e, obviamente, na que está sendo analisada, pois a sua personagem principal é uma criança que transgride o enfadonho complexo de inferioridade, mostrando aos leitores que crianças são capazes de superar esse dilema. É justamente assim que o escritor demonstra para o seu público que os pequenos têm competência. Graças à sua grande bagagem de leituras, Matilda acede a uma formação que demonstra ser superior à de seus pais, lançando mão de sua paixão pela leitura.

“Falar de uma obra aos adolescentes e exigir deles que falem dela pode se revelar muito útil, mas não é um fim em si mesmo. O fim é a obra. A obra nas mãos deles. E o primeiro de seus direitos, em matéria de leitura, é o direito de se calar.” (PENNAC, 1995, p. 132). Crianças e jovens talvez não estejam prontos, ainda, para resolver questões teóricas sobre as suas leituras, algo que lhes parece tão pessoal e sentimental. O grande objetivo do livro infantojuvenil é que

possam sentir prazer, de forma que possam imaginar o desenrolar da história com suas percepções; rir com as suas personagens favoritas; se emocionarem com o progresso da história e se encontrarem no texto, de forma lúdica, sincera e pessoal. Essas leituras se tornam divertidas e acabam agregando o desejo por mais leitura, através do conhecimento pessoal que possibilita a cada leitor, sem que a leitura seja, necessariamente, cobrada. É permitido ao leitor apenas ler e desfrutar da leitura, não fazendo disso um dever, mas sim algo para vivenciar no tempo livre.

O texto que não separa bruscamente o escritor de seu público, mas mostra, através de suas personagens, exemplos de indivíduos que agem como qualquer outra pessoa da vida real agiria, respeitando as suas vontades. De forma que não deve ser cobrado dos jovens leitores que expressem uma grande compreensão da leitura, nem respostas para perguntas elaboradas teoricamente, pois a leitura infantojuvenil é um processo solitário, que envolve a construção das primeiras sensações sobre livros. “Resta ‘compreender’ que os livros não foram escritos para que meu filho, minha filha e os jovens os comentem, mas para que *se o coração* lhes mandar, eles os leiam.” (PENNAC, 1995, p. 131 – grifo do autor).

Para uma criança, encontrar na leitura uma personagem também criança que passa supercola no chapéu do pai, esconde um papagaio que fala “chacoalhe meus ossos” na lareira de casa e coloca tinta para cabelos no creme capilar que o pai usava é pura diversão. Dahl (2010) aborda, em vários capítulos, essas travessuras da menina que resolveu se vingar da superioridade dos pais. De forma encantadora, ele faz com que cada leitor perca as horas lendo. Possivelmente poderia ser entregue, junto com o livro, diversas questões interpretativas sobre essas aventuras, mas não serão as repostas o mais importante. Imprescindível mesmo é que os pequenos possam perceber e sentir o quão real Matilda é. A conexão estabelecida entre a personagem e o seu público se torna leve e acaba se tornando um meio prático de aprendizagem.

Ao nos depararmos com o livro, “acreditamos na aparição de um iceberg”, segundo analogia feita por Pennac (1995, p. 116), mas como este mesmo nos declarou, ao nos propormos a ler, vemos que o iceberg se derrete em nossas mãos. O deleite da leitura faz com que fixemos uma, duas ou até três horas por dia de dedicação a essa prática, absortos em fazer esta fusão, e sem nem ao menos nos importamos se vamos nos molhar. A nossa heroína demonstra isso para os leitores, pois ela mesma faz questão de agarrar com as duas mãos essa pedra de gelo e de dedicar horas para alcançar o ponto de fusão daquilo que poderia parecer impossível.

Contudo, num trabalho que discorre sobre o desejo de ler espelhado na existência de uma personagem leitora, mesmo que os adultos responsáveis pela indicação de leituras dediquem seu tempo a pensar no que seria melhor e mais estimulante para crianças e adolescentes, não é certo que estes a receberão de forma positiva. Ainda, o incentivo poderia criar o efeito contrário,

transformando-os em pessoas que repudiam o ato de ler. Por mais que os pais sejam vistos, muitas vezes, como exemplos, podemos simplesmente querer seguir por outro caminho, pois aquilo que dá satisfação a um, não obrigatoriamente dará ao outro.

Examinando o conceito de “prazer de ler”, Machado (2011, p. 233) realça que quando o deleite se relaciona à leitura, pode estar se referindo a coisas diferentes.

Umás são óbvias – como ler um texto divertido, engraçado, que faz rir. Outras são um pouco mais elaboradas – como ler uma história cheia de peripécias, como um bom folhetim, que nos surpreende ou nos assombra e prende a atenção para tentarmos adivinhar o que vem depois. Outros são ainda mais elaborados e sutis – como a alegria intelectual de ir decifrando uma linguagem simbólica, apreciando rupturas imprevisíveis e novas construções, mergulhando em ambiguidades e múltiplos sentidos, entendendo significados inesperados, descobrindo relações entre sons e conceitos, permitindo que surjam novas ideias. Vão muito além do utilitário ou do necessário. Relacionam-se com um espaço de liberdade, um movimento de entrega, de recusa ao jogo de dominar ou ser dominado, de se deixar ir à deriva.

Dessa forma, estar inserido em uma família que lê não é garantia de que se terá o mesmo gosto, assim como um lar que nunca teve o hábito da leitura pode, naturalmente, acabar criando um leitor ávido. É possível, para uma criança, crescer em um espaço onde nunca se vê um livro, e, ao chegar à idade em que desenvolve as tecnologias da leitura, se encantar pela novidade. Ainda, ela poderia vislumbrar a leitura como algo proibido, o que instigaria ainda mais a molequice e somente faria com que aumentasse o desejo de ler. Nesses casos, então, de certo modo, ler, segundo Pennac (1995), poderá se transformar num ato subversivo.

Matilda, mesmo sem nenhum tipo de incentivo em casa, acaba por se tornar uma ávida leitora. Seus pais nunca leram nenhum livro para ela, e nem na frente dela, mas mesmo assim, com um ano e meio ela já falava com perfeição, aos três já tinha aprendido a ler sozinha e aos quatro anos já conseguia ler rápida e corretamente. Para os seus leitores, Matilda é o exemplo que ela nunca teve. Claramente os seus pais se diziam contra essa prática, o que não a impediu de ler. A família tinha como costume se reunir na frente da televisão, e, para Matilda, como podemos imaginar, isso era algo trivial, tanto que certo dia pediu para jantar sentada na sala de jantar, para poder aproveitar e ler um livro, mas teve o pedido negado, junto com a pergunta: “E o que há de errado em ver televisão?” (DAHL, 2010, p. 24).

Esse fato gerou um sentimento de raiva na menina, que controlou os seus impulsos com o pensamento de que as suas leituras “havam lhe dado uma visão de vida que eles jamais tinham conhecido. Se eles pelo menos lessem um pouco de Dickens ou Kipling, logo descobririam que a vida era mais do que enganar as pessoas e ver televisão.” (DAHL, 2010, p. 24). Os livros fazem com que ela se torne cada vez mais independente dos pais, assim como, provavelmente, muitos dos leitores da obra também desejem e anseiem agir, tomando decisões por conta própria. Essas crianças leitoras estão acompanhando a personagem, e todas as suas

conquistas, com os olhos brilhando, a mente fervilhando de ideias. A simbolização de pertencer a si mesmo motiva a leitura, pois os leitores também querem ser como ela, a personagem com quem eles tanto se identificam.

O mundo infantil recebe diversas exigências do adulto e, provavelmente, por isso, “nenhuma criança pode evitar o desejo de ter um reinado para si própria.” (BETTELHEIM, 1980, p. 158). Essa dominação lhes reforça a vontade de serem livres daquelas obrigações impostas, onde seus desejos não são satisfeitos. A literatura é capaz de proporcionar esse escape, justamente por apresentar à criança um mundo totalmente novo. Quando os pais já não a tratam mais como acreditam merecer, as histórias se apresentam em sua vida e fomentam a sua identidade.

A criança não só sobrevive aos pais, mas também os supera. Esta convicção, quando construída no inconsciente, permite ao adolescente sentir-se seguro, apesar de todas as dificuldades de desenvolvimento que sofre, porque sente confiança quanto à sua futura vitória. (BETTELHEIM, 1980, p. 125).

Corso e Corso (2011) lembram que a questão central de Matilda é a “fantasia de fazer-se sozinha, ou seja, não importa os pais ruins que se tenha, é possível transcendê-los mesmo que eles atrapalhem bastante” (p. 222). A personagem ignorou todas as vezes que foi subestimada e mal amada e transformou isso em impulso para ser melhor, independente. Por diversas vezes Matilda provou a sua inteligência e capacidade para eles, mas eles nunca foram capazes de aceitar e apreciar esse dom da filha, ao contrário, a esmoreciam por amar tanto passar a maior tempo possível lendo. E é o que eles incompreendem na sua conduta que a torna superior. “Ela se ressentia por ser chamada constantemente de ignorante e burra, quando sabia que isso não era verdade” (DAHL, 2010, p. 25).

“Através da grandeza e da autonomia da pequena Matilda, desmente-se seu tamanho reduzido e sua pouca idade” (CORSO; CORSO, 2011, p. 225). Ou seja, por diversas vezes, ao ler as suas aventuras, acabamos por esquecer a idade da menina, pois todos os seus aprendizados a tornam totalmente diferente de uma criança que não lê. A personagem deixa de ser aquele ser que julgamos indefeso e totalmente incapaz. Assim, nós vemos que uma criança pode evoluir com a leitura e os pequenos leitores também. É importante destacar que em nenhum momento a personagem se tornou uma espécie de adulto em miniatura, pois ela continua sendo uma criança, apenas se torna mais autônoma.

## 2.2 Exemplo e dedicação: a interação com a literatura através dos mediadores

Pensando a leitura como um ato de exploração, podemos observar que passamos a vida inteira lendo, procurando por histórias que tirem nossos pés do chão, numa eterna necessidade por algo que nos cativa. Uma vez desperta essa vontade, nunca mais voltamos a ser como antes. Como um minerador que cava fundo para encontrar seus tesouros, só iremos encontrar nossas obras preferidas depois de muito experimentar, pois livros são como tesouros recém-descobertos.

Ler é como namorar. Muito gostoso. Quem acha que não gosta é porque ainda não encontrou seu par. Deixe aquele de lado e experimente outro, e mais outro, até sentir prazer, deixando-se levar pelas novas delícias descobertas e exploradas. (MACHADO, 2011, p. 17).

A literatura infantojuvenil, assim como é dedicada aos leitores de determinada faixa etária, pode também funcionar como uma ferramenta para o nascimento do desejo de continuar a aventura de ler. Ou seja, é necessário que a leitura se torne útil, e a utilidade pode não ter nenhum objetivo prático. Ela é, ao mesmo tempo, o meio e o fim dessa jornada. É através dela mesma que nós a descobrimos, a usamos e abusamos de todas as suas delícias, pois o objetivo de criar leitores é, justamente, fazer com que quanto mais os jovens leiam, mais eles queiram ler.

E é exatamente isso que acontece com Matilda. A primeira leitura da menina foi um livro de receitas que a mãe tinha em casa, e após lê-lo diversas vezes, ela decide que quer ler mais. Então, vai à biblioteca. Na biblioteca, acontece a sua grande descoberta, uma infinidade de livros. Eles a encantam e seduzem, pois, rapidamente, ela lê todos os livros que seriam destinados à sua idade. Mas ela ainda quer mais, então, ela parte para uma literatura mais adulta. Dahl (2010) ainda nos apresenta uma inspiradora descrição da menina lendo *Grandes esperanças* e nos maravilha pelas possibilidades que apresenta para quem se deixa seduzir por suas palavras. O autor nos faz ficar encantados, como a Sra. Felps, a bibliotecária, ao observar uma menina de quatro anos se dedicando à leitura:

Nas tardes que se seguiram, a Sra. Felps não conseguia tirar os olhos daquela garotinha, que ficava sentada horas e horas na poltrona do fundo da sala, com o livro aberto no colo. O livro era muito pesado para Matilda segurá-lo levantado. Então ela o apoiava no colo e se inclinava para a frente para conseguir ler. Era estranho ver aquela pessoinha de cabelos escuros, cujos pés nem alcançavam o chão, sentada ali, totalmente absorvida pelas maravilhosas aventuras de Pip e da velha Srta. Havisham, com sua casa cheia de teias de aranha, e pela magia que Dickens, o grande contador de histórias, tecera com suas palavras. O único movimento que a leitora fazia era erguer a mão de tempos em tempos para virar uma página. (DAHL, 2010, p. 10 – 11).



Corso e Corso (2011), ao discutirem sobre a representatividade das bibliotecas, levantam a questão que estas são representações do acervo cultural que é encontrado pelos seres humanos à disposição. Mas, em contraponto, dificilmente uma criança opta por usar desse meio cultural sozinha. Normalmente, existem adultos que apontam um horizonte no qual os pequenos se inspiram. No caso de Matilda, poderíamos pensar que os seus pais, justamente por não terem essa sensibilidade literária, acabam, também, por lhe mostrar um caminho, deixando nas mãos da menina a decisão sobre qual destino ela quer, e qual o que não quer trilhar.

Em sua obra, Machado (2011) nos lembra que muitos dos responsáveis pela mediação entre os livros e as crianças, preocupados em desenvolver o hábito da leitura, acabam fazendo isso de forma equívoca, transformando-a numa obrigação aos jovens, desejando que se torne algo tão rotineiro como escovar os dentes. Mas é importante ter o cuidado para que esse ensinamento não se torne mais uma das obrigações diárias criadas pela cultura. O hábito da leitura, embora desafiador, pode ser delicioso, desenvolver-se sem pressão e sem hora determinada, diferente de nossas rotinas obrigatórias.

Em *Matilda*, as duas principais mediadoras literárias para a menina são, assim, exemplos. A bibliotecária demonstra o seu conhecimento sobre a arte literária ao escolher os livros para a menina que não os conhecia; e a professora sempre a estimula a ler livros que poderiam parecer avançados para a sua idade, para que ela mantivesse a sua mente aguçada. Começar a fazer algo novo sempre mexe com o interior das pessoas, deixando-as nervosas. E, ao ser iniciado na prática da leitura, é imprescindível que o indivíduo tenha o acompanhamento de alguém que esteja envolvido num meio leitor. As crianças, ao lerem trechos da obra em que as mediadoras de leitura da personagem impõem a sua responsabilidade sobre esse aprendizado, acabam por ser mediadas também. Afinal, aquilo que é dito para Matilda é lido, observado e possivelmente aprendido pelos leitores da obra também.

Pennac (1995) levanta um questionamento muito pertinente sobre essa questão: “E se, em vez de *exigir a leitura*, o professor decidisse de repente *partilhar* sua própria felicidade de ler?” (p. 80 – grifos do autor). Ao ver alguém falando sobre um livro com um sorriso no rosto e paixão nos olhos, não há quem não se interesse, e aquele que está ainda aprendendo a compreender o mundo fica mais instigado ainda. Não somente o professor, mas qualquer mediador que esteja ao seu redor, normalmente, irá tentar fazer com que ele leia. A criança os vê como exemplos, mas não necessariamente irá obedecê-los. Então, seria mais fácil se simplesmente mostrássemos para os futuros leitores os prazeres de uma boa leitura. Na busca incessante de experimentar tudo, o jovem tende a se deixar levar por aqueles que o rodeiam,

pois “aquilo que lemos de mais belo deve-se, quase sempre, a uma pessoa querida” (p. 84), o que pode ser usado como vantagem.

Pennac (1995), ainda, se colocando como um mediador e dirigindo-se aos leitores mais jovens, assume que nós “abrimos formidavelmente seu apetite.” (p. 20). Famintos por novidades, ao encontrar o prazer da leitura, os jovens poderão degustar do prato cheio que é o livro. E não há nada mais delicioso para quem afirma gostar de ler do que partilhar desse amor.

Nunca saberemos o que, exatamente, nossos leitores desejam, mas é preciso lembrar que, mesmo que não despertemos o gosto natural pela leitura, não vai ser através da obrigação que este desejo será despertado. Nunca ninguém gostou de algo por obrigação, assim como quando os obrigamos a comer verduras na hora das refeições. Os gostos pessoais, mais dia, menos dia, serão despertados. E é essa procura, essa exploração que deve ser muito bem cuidada e incentivada pelo adulto.

“Há um tempo certo para determinadas experiências de crescimento, e a infância é o período de aprender a construir pontes sobre a imensa lacuna entre a experiência interna e o mundo real” (BETTELHEIM, 1980, p. 83). A disposição que as pessoas têm nessa idade é um fator crucial para se tornar mais fácil a construção do hábito de ler. O contato com a literatura não é adquirido de uma hora para outra, como num passe de mágica, mas se constrói aos poucos. E a aproximação com a leitura deve ser gradual, de forma que possa haver uma evolução. Esse processo requer delicadeza, pois é decisivo na formação do caráter leitor dos indivíduos.

Esse crescimento é perceptível em Matilda, enquanto personagem – que muda e amadurece ao longo da narrativa – e o impacto desse amadurecimento poderá ser notado nos leitores, tornando possível todas as suas aventuras. Podemos presenciar e acompanhar o florescimento da personagem e, apesar de transcorrer de modo extremamente rápido, a menina enfrenta todos os desafios pelos quais os leitores também passam. Os jovens que estão se iniciando na leitura, ao se depararem com as aventuras e leituras de Matilda, identificam-se com ela, usando-a como exemplo.

Assim como a personagem vai evoluindo com o incremento de suas leituras, os leitores também podem crescer em sua companhia. Quanto mais a menina lê, adquire conhecimento, mais sua história se impulsiona. O seu destino se constrói a partir daquilo que ela aprende, espelhando o processo que sucede com os leitores frente à literatura. Através dos livros, o mundo de Matilda se expande, descortinando amplas possibilidades abertas a partir do hábito da leitura:

Por ser muito pequena e muito jovem, o único poder que Matilda tinha sobre os membros de sua família era o poder do cérebro. Seu raciocínio ágil lhe permitia vencer todos eles. Mas o fato era que, como qualquer menina de cinco anos em qualquer

família, ela era obrigada a fazer o que os pais mandavam, por mais imbecis que fossem as suas ordens. (DAHL, 2010, p. 46).

Para qualquer pessoa é impactante ler essas palavras de Roald Dahl, mas, para uma criança que ainda está vivendo esse momento da vida, ou que ainda vai viver, é ainda mais especial perceber toda a força da personagem.

Quanto a isso, outro ponto interessante de ser observado é a raridade de um livro classificado como infantojuvenil apresentar uma personagem leitora e a sua jornada de crescimento. Roald Dahl faz com que *Matilda* seja uma exceção incrível. A obra apresenta para as crianças mais um lado da infância, dando um verdadeiro dom para a sua protagonista.

É principalmente na infância – que Kohan (2004) considera como “uma condição da experiência” (p. 54) – e na adolescência que o mito de que ler é difícil deve ser quebrado. Os jovens costumam seguir exemplos, portanto é obrigação do mediador ser exemplo de adulto leitor, para que seja mais natural essa troca. O contato com a literatura desde a mais tenra idade pode fazer com que se torne mais fácil e menos assustador o encontro com ela na idade adulta. Esperamos do mediador de leitura que esse também seja leitor, pois só “assim poderá despertar [...] o poder aliciante do texto literário, pois já terá vivenciado esse fenômeno em sua própria existência.” (MACHADO, 2011, p. 38). Ao ter um grande conhecimento sobre os livros, maior será o leque de possibilidades de leituras para indicar. Cada mediador sabe o que é melhor para que o seu aprendiz se torne um leitor voraz, capaz de escolher, entre diversas opções, as leituras que lhe agradam.

Segundo Machado (2011), a literatura “pode falar de várias coisas que, embora aparentemente não tenham muito a ver com situações que estão sendo concretamente experimentadas, dialogam com a mente e o coração de cada leitor” (p. 61). Esse elo entre o livro e o público acontece, principalmente, através das personagens, pois essas “representam valores através dos quais a sociedade se constitui.” (KHÉDE, 1986, p. 5). Os livros são capazes de nos fazerem sentir o que eles quiserem e da forma como quiserem. O mais mágico dessa situação é que eles o fazem sem necessariamente estarmos vivendo um momento como o relatado na história. É próprio da literatura o poder de nos envolver de tal maneira que nos transformamos em outras pessoas.

Um dos efeitos colaterais gerados pelo livro analisado é o estímulo deixado em seus leitores, que acabam por se interessar pelas diversas áreas de conhecimento geral que a obra apresenta. Visto que, se um livro apresenta uma personagem que pratica esportes, por exemplo, aqueles que o leem e se identificam com ele, irão, mesmo que inconscientemente, apreciar mais

essa prática, pois os impactos causados pelos livros de literatura infantojuvenil são imensuráveis.

*Matilda* apresenta uma lista invejável de leituras realizadas pela personagem principal ao longo da narração. Dahl (2010), ao nos citar os nomes dos livros que a menina lê e comenta, impulsiona os leitores da obra a procurar por aqueles títulos, assim como outras obras existentes. Dessa forma, Matilda – personagem – na engenhosa criação de Roald Dahl, é uma verdadeira mediadora de leitura, pois não existe maior incentivo do que o exemplo. Esse incentivo é o primeiro passo para cativar e tornar leitores vorazes os pequenos, interessados no deleite de milhares de histórias já narradas em prosa através do mundo.

A personagem se enriquece de conhecimento lendo livros da biblioteca, onde conhece a Sra. Felps, a principal mediadora na construção de identidade leitora da menina. A bibliotecária é a responsável por apresentar à Matilda um mundo completamente novo através das obras literárias que ela lhe indica. Em seis meses, “sob o olhar atento e solidário de Sra. Felps” (DAHL, 2010, p. 12), leu obras que seriam improváveis de serem lidas por uma menina com menos de cinco anos. Após ler todos os livros que a biblioteca tinha na seção infantil, Matilda leu: *Nicholas Nickleby*, de Charles Dickens; *Oliver Twist*, de Charles Dickens; *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë; *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen; *Tess*, de Thomas Hardy; *Kim*, de Rudyard Kipling; *O homem invisível*, de H. G. Wells; *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway; *O som e a fúria*, de William Faulkner; *As vinhas da ira*, de John Steinbeck; *Os bons companheiros*, de J. B. Priestley; *O condenado*, de Graham Greene e *A revolução dos bichos*, de George Orwell. Comentando sobre a trajetória de Matilda, Corso e Corso (2011) ainda nos lembram que a nossa “heroína aprende direto dos livros, contando apenas com o entusiasmo da bibliotecária para indicar-lhe os clássicos da literatura e assim conduzir sua formação intelectual.” (p. 223).

Como nos lembra Machado (2011), ler não é um processo natural. Diferentemente da fala, que é treinada diariamente desde que nascemos, dependendo do meio em que estamos inseridos e de forma inconsciente, a leitura necessita de um ensinamento mais requintado. Machado (2011) ainda nos diz que se “ninguém ensinar, ninguém aprende” (p. 28), ao nos lembrar que aprender a ler requer muita dedicação por parte daquele que está ensinando, como também daquele que está aprendendo.

Assim como a escrita foi criada para um propósito, são dados a ela significados importantes para a existência humana. Os escritores, cientes disso, fazem uso de estratégias de linguagem que complementam de significações essas palavras, transformando-as e aos seus

leitores. Dessa forma, as palavras criam formas, provando-nos que um livro vai muito além delas, pois só a literatura é capaz de nos levar a lugares em que não estamos.

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. (BETTELHEIM, 1980, p. 11-12).

Perceber essas transformações acontecendo conosco nos possibilita imaginar que também sucedam com as crianças. Se nos dispomos a viver com uma criança e a observar diariamente a sua evolução, conseguimos compreender que a interação com a leitura se dá da mesma maneira. Para quem recém-chegou ao mundo, tudo é novidade e cada experiência é excitante e intensa. Descubrem o mundo tocando nele, e assim também se conhecem. Logo criam preferências e gostos e, assim, formam a sua personalidade. Quando sabem quem são, querem aprender sobre os outros e a literatura pode ser um meio de descobrir essas novidades.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Esse contato pode ser tão profundo e deixar tantas consequências positivas que, com o tempo, os pequenos leitores percebem a importância daquilo e se tornam críticos ativos das leituras que fazem. Matilda nos mostra isso quando, ponderando aspectos das obras que leu, de forma madura, demonstra os efeitos do hábito que havia criado. “Acho C. S. Lewis um ótimo escritor. Mas ele tem um defeito, nos livros dele não tem nenhum trecho engraçado.” (DAHL, 2010, p. 81). Após a leitura do escritor em questão, entre outros livros que o antecederam, fazendo uma análise geral, a menina aponta algo que ela chama de “defeito”, talvez porque a obra não seja totalmente de sua preferência. Matilda vai além e faz referências ainda mais profundas ao comparar a vista da casa humilde da sua professora com “uma ilustração de um livro de Grimm ou Hans Andersen.” (DAHL, 2010, p. 197).

Embora não neguemos que a idade possa influenciar a interpretação e a conexão, entendemos, com Bettelheim (1980), que essas obras costumam “ter um significado importante tanto para uma criança de cinco anos como para uma de treze, embora os significados pessoais que deles derivam possam ser bem diferentes.” (p. 25). A leitura de *Matilda* apresentará repercussões diferentes, dependendo da faixa etária do leitor. A classificação dos livros

infantojuvenis abrange um grande público, mas a nossa heroína poderia ser lida e apreciada tanto pelo público infantil quanto pelo juvenil ou adulto. Obviamente, seriam experiências totalmente diferentes, mas, de qualquer forma, para todos proveitosa.

## CONCLUSÃO

Ao pensarmos sobre a carreira de Roald Dahl, percebemos o seu rico, porém pouco conhecido, acervo de livros maravilhosos, com universos cheios de vida e personagens impressionantes. O destaque de suas obras são as crianças, que são protagonistas de suas próprias histórias, graças a seus trejeitos. A obra literária que foi analisada neste presente trabalho, *Matilda*, apresenta uma menina que sofre com a ignorância de seus pais, mas Roald, ao ver a criança de modo emancipatório, destaca essa protagonista, dando-lhe características fortes e marcantes. Um ponto de destaque no processo de escrita de Dahl foi a sua inspiração em seus filhos e a simpatia que sentia pelas crianças, de forma que estabeleceu elos com o interior de cada um de seus leitores através de suas obras.

Entre tantos outros motivos pelos quais as pessoas leem, prezamos a ênfase dada à personagem como responsável pelo encantamento gerado por um livro em seus leitores. Apesar de ser um dos diversos elementos que constituem uma narrativa, a relevância na personalidade de uma protagonista pode impactar favoravelmente na formação de leitores. Por isso, acreditamos que *Matilda* seja uma mediadora importante.

Em razão de nossas vidas agitadas, muitas vezes, acabamos por encontrar certo conforto nas obras literárias, pois são capazes de nos levar para longe de problemas, bem como podem servir para encontrarmos soluções. Seja como for, quando se trata de uma história, toda a tinta nas páginas e páginas de um livro são capazes de significarem tanto em nossa existência que acreditamos ser impossível refrear as emoções transmitidas. Principalmente pela conexão estabelecida entre o leitor e a personagem, acabamos por envolver nossos próprios sentimentos no ato da leitura.

A nossa imaginação é instigada a todo instante que lemos, o que acaba por ajudar na formação de personalidade. Os bons escritores, provavelmente cientes disso, usam das personagens para engrandecer nossas cargas pessoais e de conhecimento, transformando-as em verdadeiras transmissoras de experiências.

Essas personagens sustentam enredos e, apesar de serem de papel, representam pessoas reais, fazendo com que seja possível criar comparações entre elas e os humanos ao nosso redor. Como consequência disso, a personagem principal analisada em *Matilda* é constituída a partir da visão de seus pais, de forma que o escritor nos insere no mundo que a menina circunda. Assim, o autor monta um registro fictício de uma coisa que é real, pois as características familiares narradas são visíveis em nossa sociedade.

Em nenhum momento da leitura e análise da personagem esquecemos que ela é uma criança, pois está sempre nos surpreendendo – o que vimos que a classifica como uma personagem redonda. Matilda, como toda a sua força, encontra nos livros um sentido para a sua existência, bem como um ponto de escape para a relação que vivia em sua família – que nunca a incentivou a ler. Através das leituras da menina, foi possível observarmos muitos detalhes sobre como acontece essa conexão e percebemos que a leitura, bem como o amor, é uma maneira de ser, que envolve dedicação e desfrute.

Constantemente a literatura infantojuvenil acresce de experiências conscientes ou inconscientes a mente de seus pequenos leitores e, assim, aborda questões humanas, ajudando-os a lidarem de forma positiva com as possibilidades da vida. As tantas histórias já escritas para os pequenos apresentam variadas personagens, cada qual com sua personalidade, inseridas em culturas diferentes, com gostos e escolhas únicas. Dessa forma, a literatura se torna uma espécie de reflexo da humanidade, mostrando à criança a pluralidade de diferenças existentes no mundo, ensinando-as a se tornarem melhores pessoas.

As crianças não gostam de ser tratadas com inferioridade por causa de sua pouca idade e esse é um fator essencial que elas observam nas obras que leem. A literatura pode, e deve, ser usada para mostrar-lhes diversos temas e dicotomias, o que muitas vezes é representado no drama vivido pelas personagens literárias. Observamos isso em *Matilda* em uma discussão sobre o sistema patriarcal, entre outras questões que são relevantes para a existência humana.

Diferentemente de outros pedidos e ordens que a criança recebe, o desejo de ler deve ser natural, pois o verdadeiro prazer de ler está na intimidade entre o leitor e o autor. É possível acreditar, ainda, que a história só alcança o seu sentido quando seu contato é espontâneo. E, apesar de os livros infantojuvenis serem assimétricos, por serem escritos por adultos, é necessário que o escritor se esforce ao máximo para tornar o seu texto o mais simétrico possível, para que se estabeleça uma melhor relação entre os textos e os seus leitores. É assim que os pequenos percebem a sua importância diante de um livro, de forma que se sentem encorajados na procura por sua independência. Dessa forma, *Matilda* apresenta uma criança que é capaz de superar esse triste complexo que apenas os pequenos podem sentir.

Na busca por sua independência, Matilda, assim como provavelmente diversas crianças, encontra nos livros e em suas personagens principais verdadeiros exemplos de resistência. E isso é possível sem que ela deixe de ser criança aos olhos de seus leitores.

Matilda já havia aprendido a ler com apenas três anos e logo nos mostra que a literatura é o início, o meio e o fim para a concretização do desejo de ler. Foi começando a ler o livro de receitas da mãe que ela aprendeu, quis ler mais e acabou lendo toda a seção infantojuvenil da



biblioteca pública de sua cidade. É também na biblioteca que a menina conhece a Sra. Felps, que acaba sendo uma de suas maiores influências literárias, ao escolher os livros que ela leria. A outra grande influência da personagem foi a sua professora, a Srta. Mel, que também sempre a estimulou a manter a mente aguçada.

Percebemos nessas duas grandes personagens adjuvantes como, ao escutar alguém falando sobre os livros e ver sua paixão nos olhos, é impossível não sentir um mínimo interesse pela literatura. Aliando esse amor à disposição das crianças de aprender mais sobre o mundo, torna-se mais fácil que seja construído o hábito da leitura.

Ao ler *Matilda*, as crianças a todo o momento são convidadas a adentrar esse universo mágico da leitura. Através da personagem central, a obra prova-lhes que os livros são capazes de fazer com que sintam o que e como a história deseja, como se os leitores estivessem presos, mas nem quisessem escapar. Do mesmo modo, a lista de obras lidas pela personagem apresentada aos seus leitores se torna um grande incentivo, instigando-os a lerem, também, aqueles títulos e muitos outros.

Pela observação dos aspectos por nós analisados nas obras teóricas e na obra literária de Rood Dahl, percebemos que existem razões claras para nos tornarmos leitores tão apaixonados pelas nossas leituras. O texto de *Matilda* foi escrito de forma leve, apresenta assuntos interessantes, trechos descritivos que não cansam, uma temática e linguagem de fácil acesso, e tudo isso através da personagem e de suas histórias que estão sendo contadas. Muito mais do que simplesmente ler, é esperado que o leitor se delicie com a leitura, que perca o sentido do tempo, esqueça de seus problemas e acredite na utopia de uma vida melhor. Tudo isso é dado pela personagem, através de seus devaneios de menina. Tudo isso foi dado a nós enquanto escrevíamos esse trabalho!

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980. (Literatura e teoria literária, 24)

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios, 3)

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Série Passo-a-passo, 57)

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso, 2011.

DAHL, Roald. *Matilda*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. Ilustr. Quentin Blake. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Trad. Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infantojuvenil*. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios, 61)

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: KOHAN, Walter O. (Org.). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

VERAS; Adriane Ferreira; COHEN, Gustavo Vargas. Roald Dahl e a fantástica fábrica de literatura. *Signo*, v. 36, n.60, p. 61-74. Santa Cruz do Sul, jan./jun. 2011.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 1982.